

VOVÔ PACÍFICO

Fale que foi briga, viu, moleque!
– Mas, vô...
– Num tem nada de “mas vô”,
nem “menos vô!” Diga a sua
avó que foi briga, senão você vai ter comigo.

Vovô Pacífico, de olho roxo, estava pronto, procurando desafeto. Era o efeito das maluquinhas que tomara no caminho da Lagoa do Peixe, com a qual ido buscar uma jovem novilha com a qual Tio João presenteara seu afilhado Marquinhos.

Sáimos de Montes Claros tarde, no meio da manhã, mas a viagem sem pressa e a prosa boa do motorista fizeram meu avô abrir o bico e ressuscitar uns causos de vaqueiros e de caçadas na sua Fortaleza.

À medida que a estrada passava debaixo da boleia do caminhão, Vovô se animava e destramelava atozes e apimentadas histórias de um delegado de polícia.

Em Toledo, já pertinho da fazenda, paramos numa venda para comprar seu Beverly Ovais. Foi a conta, o velho quebrou uma e em seguida duas amargosas, com a barriga vazia. A hora do almoço havia sido deixada para trás, há muito.

Desapiou no terreiro da fazenda, agitado. Ciscando como um garnisé desafiando o galinheiro. Arreliou um peão, provocou outro que estava apartando o gado. Esbarrou na cancela para assustar o mais manso deles. O velho estava com a macaca. Logo fez roda e começou a debulhar, com falsa modéstia, vantagens e coragens.

Depois de se glorificar em maldades, resolveu mostrar ao vaqueiro como pear a nelorinha esquentada, que bufava pelas ventas em cima do caminhão. De arranco, nos seus quase 70 anos, saltou na carroceria, pulou para dentro do caminhão e estouvadamente segurou o animal pelo chifre. Sacolejou-o e gritou: “Cê tá doida, bicha besta”. Incontidamente, girou seu corpo em direção ao pesco-



Vovô Pacifiquinho

ço do animal como se fosse quebrá-lo e se jogou em cima do vacum. A novilha desabou e ele gritou, pedindo uma peia. Ao aparar a corda no ar, aprumou-se e de joelhos iniciou a piação.

Eu, exaltado e curioso, pulei e agarrei a lateral do caminhão. Este movimento distraiu Vovô e o fez descuidar das amarras. Não deu outra. A nelore alva, num risco de agilidade, soltou uma das patas das cordas e a pregou com força na cara do meu avô. Foi um solavanco que o jogou a uns 2 corpos dela. O velho se amontoou no canto do caminhão e quietou. Pensei com meus botões: morreu!

Aos poucos, começou a se mexer, ficou de quatro, ajoelhou-se, pôs a mão na cara, em cima do olho esquerdo e bradou: "É... porra da igual a esta só levei do Gedeão, lá no Grambery. Só que essa tá doendo pra encardir. Se eu não ficar cego ou zarolho pelo menos perco mais um parafuso da moringa".

Aí ministrou: "Olha Ucho, homem que é homem tem que ficar com o olho roxo. Pra bater tem que apanhar. Só maricas pensa que olho inchado é surra apanhada. Pra você bater em homem macho, você tem que levar umas também. Quem só bate é covarde!". E fique sabendo: "briga é tudo rápido. Rara é a briga de mais de um minuto. É pá-pá, pá-pá... tum. Acabou. Quem der o primeiro surdão entra com muita vantagem. Tem que dar um pra valer. Você não viu a vaca?".

Parafraseando alguns, lembrar de meu avô me leva aos instintos mais selvagens.

Vovô era agridoce. Mesclava estouvamento com pacificidades. Tinha a crueldade das crianças. Era manteiga para os seus e fratura exposta numa briga. Um burro xucro domado sutilmente pelas sábias rédeas de Dona Eni.

Lembro-me de Vovô antes mesmo de me tornar gente.

Em uma viagem a Belo Horizonte, para o

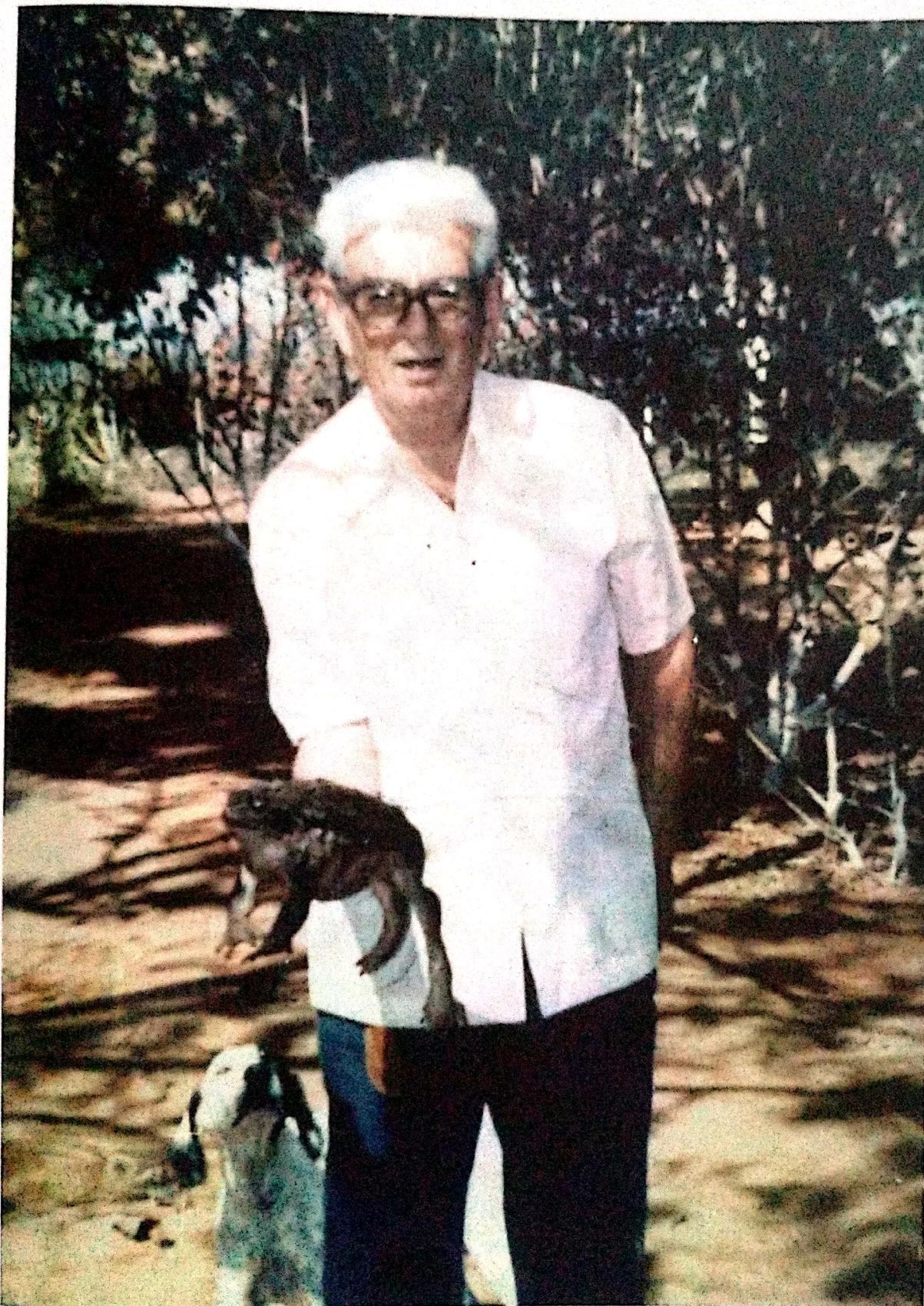
casamento de Tia Zezé, pousei na Rua Timbiras, entre Rua da Bahia e Avenida João Pinheiro.

O que mais me impressionou foi o cordão de carros pretos, limpos e brilhosos desfilando como num enterro pelas ruas sem poeira. Fiquei boboquiaberto com o chiar do bonde e o faiscar robótico do trolebus. Eu vi o futuro. Em cada esquina ansiava esbarrar com Flash Gordon ou com Superman em sua Metrópole. A Sloper era um despropósito, um despautério, tinha tudo que eu não sabia para que servia. O passeio e as vitrines da Rua da Bahia desassossegavam-me com seus cheiros anti-sépticos e naftálicos. A Afonso Pena era sem fim, as perspectivas dos prédios e dos verdes densos e longos das suas árvores a esticavam e me amiudavam. Creio que foi lá que conheci os pardais. Estes estavam por todos os muros, galhos, fios e telhados. Nunca os tinha visto em Montes Claros.

Mas o que vem mais forte é a casa da Timbiras. Na entrada, um muro baixo com uma meia escada seguida de um alpendre. A porta grossa, com sua janelinha de espia, dava para uma sala ampla com piso de tábuas com mesa, cadeiras e sofás; à esquerda, postava um janelão desmedido, escancarado para as costas de uma casa lisa, nova, cinza, de dois andares; à direita, dois quartos, um onde eu dormia com Bisa, com suas caixas de madeira de goiabada, matéria-prima para a confecção dos seus palitos a canivete; e o outro quarto era de Dora.

Na passagem para a copa, bem acima da minha pequena altura, o telefone preto, imenso, pregado à parede. Quando tocava, o papagaio estalava seco: "Alô, é Dora".

Ao fundo, antes do quarto de Vovô e Vovó, mergulhava uma escada de madeira em caracol parecendo peça de nau pirata, que nos levava para o andar de baixo, onde se escondiam o bolorento convés e seus mistérios. Lá,



Vovô Pacífico assusta os netos com um sapo cururu.



Vovô Pacifico e Vovó Eni

nos porões, descobri uma esquecida arca que, ao invés de tesouros, guardava carcaças – esqueletos humanos desmontados e amontoados. Eram fêmures, crânios, costelas, omoplatas, dedos e tochas de cabelo. Todos os ossos estavam amarelados, encardidos, alguns revestidos de pele murcha, ressecada. Urgh! Só poderia ser ossada dos ladrões e criminosos que o delegado de Pedra Azul havia exterminado. Aquilo me arrepiava todo, me fazia tremer de medo e me levava a pesadelos terríveis, mórbidos. Pior era a falta de coragem e ousadia para perguntar como sucedeu aquele holocausto, aquele extermínio. Imaginava, elaborava em minúcias a crueldade de cada morte. Calado eu vi, calado permaneci. Até hoje não sei de quem eram aquelas ossadas.

Contam que em Pedra Azul, nas antigas, uma professora ao lecionar nossa língua pátria disse à classe: "Pedro matou João" – onde está o sujeito da frase? Ao que lhe responderam: "oh, só pode estar escondido na Aldeia ou na Cabeça Torta". Fazendas de Pacifiquim.

Outra vez, Fred e eu fomos, com vovô e vovó, visitar a carinhosa, alegre e pia Tia Nini. O Banco do Brasil havia transferido Tio Ruy para uma casa amarelo-creme, incrustada alta num barranco na beira do Rio Doce, pertinho de uma ponte da mesma furta-cor. Foi a minha primeira viagem de ônibus. Na verdade, de jardineira, com escadinha para subir ao teto e tudo mais. Sentados nas poltronas da frente, seguimos viagem tranqüila, até assistirmos de camarote às cenas do atropelamento de uma vaca. Começou com o zig-zag do ônibus, na tentativa do motorista em desviar da bitela. Em seguida, o grunhido da freada e a pancada. O animal foi lançado à frente do carro e só ficou o desmantelo no meio da pista. Foi um alvoroço, um berreiro doido.

Passados alguns minutos, veio o silêncio e o esmorecimento. Ninguém tomava nenhuma

atitude, nenhuma iniciativa. Aí, meu avô, falou alto: "ô cambada, vamos seguir viagem, ou não vamos? Ocês aí, ó, ajudem-me a arrastar a vaca pra fora da pista e os outros desempenem a frente da jardineira". Vovó tomou a dianteira, grudou com mais quatro passageiros a vaca e a arrastou para fora da estrada. A viagem seguiu e eu fiquei todo orgulhoso, todo inchado, do velho.

Em cima da ponte nova, vovô ensinou-me a pescar, a manusear minhocas, a lançar o anzol, a fisgar e a tirar o peixe para fora d' água. Foi lá também que vi pela primeira vez uma cobra. Ganhei-a de presente. Tinha duas cabeças, era feia, branqüela e enrugada.

Rememoro, também, quando despenquei da mangueira do quintal da Timbiras e morri de medo de que Vovô soubesse. Fiquei pulando em um pé só durante dias, como se fosse um saci, com o intuito de despistar o velho e escapular de imaginária surra. Foi Tio Márcio que, em visita habitual à casa dos sogros, estranhando aquele pula-pula, desconfiou e detectou a fratura no meu pé. Foi a salvação, engessei a perna, ganhei um tóten, e me safei de uma sova.

O temor que tínhamos de Vovô era grande e constante. Joana, nossa segunda mãe, que tinha tinturas do sangue de Vovó Eni, ameaçava diariamente alcagüetar nossas estripulias e malinezas.

Quando perdia a paciência com a gente, prometia: "Nas férias, quando Seu Pacífico chegar de BH, eu vou contar a ele! Aí, cês vão ver o que é bom pra tosse". Pronto, instalava-se um desespero total. Caíamos de joelho a seus pés e implorávamos pela não deduração. Só depois de muitos acertos e barganhas, ela cedia e nós ficávamos pianinhos, para seu alívio.

Quando Vovô chegava, tudo mudava, a tirania imperava. O tempo era regido por suas ordens e contra-ordens. Éramos escravos das

suas vontades e de seus horários. Ele passava a ser o algoz de nossos dias.

Uma das vezes que veio passear nas "nossas" férias, ao chegar na estação sentenciou: "Destavez, vou transformá-los em homens. Vocês não ficarão frouxos como seu pai. E disse mais: "Eu não vou desistir de vocês como desisti de Ênio. Não, não vou!"

Pronto, a escravidão estabeleceu-se de mala e cuia na Rua Cel. Luis Pires. A sessão de tortura iniciava-se ao despertar de Vovô.

O Pacífico acordava-nos com todo tipo de perversidade: mosquitinhos no nosso rosto, água gelada no ouvido, algodão pegando fogo entre os dedos do pé, caminhos de rato em nossos cabelos, derrubando a gente da cama, quando não entrava batendo panelas aos gritos: "acorda bando de frouxos!"

Daí, tocava-nos para o jardim e açoitava-nos, com berros, para correr, saltar, flexionar, contorcer, exercitar, além da exaustão. Tudo isso aos urros, ao lado do quarto de Mamãe e de Papai:

- Fred, seu maricas, trate de correr com vontade, parece que você tem o cu pregado nas pernas...;

- Ucho, seu bosta rala, você tá é querendo uns cascudos, né?

- Paulinho ... não empurre Marquinhos;

- Fiquem sabendo, é mais fácil eu ir pro céu do que vocês ficarem igual a seu pai!

Na cama, Papai e Mamãe dormiam. Nunca consegui entender como eles podiam ter o sono tão pesado.

Depois daquela ordem do dia, que continha até sessão de musculação com a mão do pilão e com um imenso osso de baleia, ambos servindo de alteres, seguiam as aulas de jiu-jitsu.

Segundo o mestre Pacífico, ele teve que aprender essa arte para se vingar de uma surra que levou do Gedeão, no Grambery. Passou 10 meses exercitando nas barras paralelas e treinando a luta marcial para, no final do ano, desafiar o Gedeão diante de todo o colégio. Briga bruta, mas ao final espancou, arreventou, arregaçou o grandalhão. E para suprema humilhação, baixou a calça do derrotado e cuspiu na bunda dele. Foi a glória. Vingou-se!

A sede de vingança foi a chama que acendeu em vovô a vontade de permanecer no colégio. O objetivo de derrotar o Gedeão o fez agüentar aquele ambiente de "almofadinhas", caso contrário, teria voltado para Fortaleza, para sua fazenda, para a vida de vaqueiro, para cima do seu cavalo, para correr rês.

Bem, mas, voltando às nossas aulas de jiu-jitsu, lembro da tensão em que ficávamos. Vovô nos irritava e nos incentivava a digladiar, eu com Fred e Marquim com Paulinho. As lutas eram diárias e vinham após os exercícios que nos deixavam o sangue quente, à flor da pele. Eram brigas, arranca-tocos sérios, enraivados, porrada mesmo. E Vovô tacando lenha na fogueira:

- Reaja Ucho, não deixa este merda rala bater em você.

- Dá um telefone nele, Fred!

- Solta o braço nele, Marquim!

Nós nos agafanhávamos, rolávamos no chão, embolados um no outro, com toda raiva do mundo. Não podíamos galinhar, fazer feio na frente de Vovô. Era sopapo pra lá, sopapo pra cá. Briga de gente grande. Cacete. Quando um engravatava o outro e este ficava por baixo, imobilizado, o mestre Pacífico nos rodeava como numa rinha de galos e gritava para quem estava por baixo: "Ô seu frouxo, se vira. Olha, para você se livrar desse alicate só lhe resta furar o olho, rasgar o

nariz dele com o dedo, ou então apertar os bagos dele com força!”.

Essa rinha durava uma eternidade. Raiva e choro espirtavam para todos os lados. Quando sopitavam o último grau de tensão, nervosismo, sangue quente, ele, maldosamente, levava seus galos de briga para o banheiro e lhes dava um banho gelado. A água fria ao bater nos nossos corpos quentes, repelia instantaneamente nosso choro, deixava-nos sem ar, sem fala. Engasgados, parecia que íamos explodir. O choro voltava mais baixo, mais brando, mais calmo, até nos aquietarmos calados.

Iniciava aí a pior etapa, a xaroparia. Vovô, então, ruminava a mesma ladainha de sempre. “Vocês têm que aprender: irmãos não brigam. Edgar, Clemente, Sebastião e eu nunca brigamos. Passamos a infância juntos e nunca encostamos a mão um no outro. Vocês jamais podem esquecer isto: Irmãos não brigam”.

Falando nisso, lembro-me de quando, já adulto, o levei à casa de Sebastião, na Rua Rio de Janeiro, quase em frente ao Cine Paladium. Havia 40 anos que não se viam, devido às desavenças de suas esposas, D. Eni e D. Carmem.

Vovô passou a semana inquieto, impaciente, louco para chegar o dia do esperado encontro.

Na porta do prédio, não teve paciência nem para esperar estacionar o carro. Xingou o Severino da portaria, blasfemou a demora do elevador e faltou derrubar a porta do apartamento, aos berros: - Sebastião, é Pacífico! Sebastião demorou sair do quarto. Vovô então, penetrou a casa e de lá gritou: “Ih, Ucho, o homem tá chorando!”

Vovô só não virou menino, porque criança sempre foi. Falou sem parar, andando ao redor da mesa do pequeno apartamento.

Relembrou o passado, apenas o mais longínquo. Não falou dos netos, dos filhos, da patroa, dos últimos tempos e acontecimentos, só sublinhou a infância. Perguntava: “Cê lembra, Sebastião? Tá lembrando? Bota baixo! Bota baixo!”.

Na cadeira de rodas, Sebastião flexionava lentamente a cabeça em consentimento, sem dizer nada, só lágrimas corriam pelo seu rosto velho e infantil. Reviveram em, duas horas, recordações profundas e verdadeiras. Vi o cerne da vida ser tocado.

Ao se despedir, Vovô profetizou: “Ô Tião, eu vou ter que voltar logo aqui, senão você morre e eu não o vejo mais...”

Vovô não chorou, só riu, sorriu, encantou. Desceu leve o elevador e ao sair disparou para o porteiro: “Ô filé da mãe, tome conta do meu irmão”.

No carro, perguntei: “Ô Vô, que história é essa de “bota baixo”?”

- Ora, foi quando éramos pequenininhos. Passávamos o dia no galinheiro. Pegávamos galinha por galinha e as abaixávamos, repetindo seguidamente: bota baixo, bota baixo! Depois de semanas, meses de ensinamento, quando chegávamos ao cercado de bambu e gritávamos: bota baixo! Todas as penas abaixavam, encostando o corpo no chão.

Esse mundo miúdo, essa vida amiúde foi o que Vovô me trouxe de mais gostoso, de mais belo. Ele mergulhou minha infância na natureza. Mostrou-me a semente, o plantio, o cultivo e o fruto. O doce e o amargo. O bicho e a goiaba. Vovô me fez terra, minhoca, ovo e galinha. Ele me fez abelha, pólen e mel. Ensinou-me a agasalhar enxames, a formar colméias, a colher o mel e a cera, a conhecer o zangão e a rainha. Mostrou-me a vida operária. Fez-me sentir o orvalho e as luzes matinais. Perceber o frio na entrada do sol. Ensinou-me fazer fogo e apagar fogueiras. Achar

água limpa, o remanso, o sossego, as sombras e os frescores. Apontou-me o beija-flor sedutor e a flor seduzida. Despertou-me para o vôo gaguejado das borboletas, para os dribles das andorinhas, para os trinados dos chapinhas, para o pedreiro João de Barro, para a reza dos sabiás. Mostrou-me como ensinar o assobiático hino ao sofrê, cuidar do guatis e dos mãos-lisas, descascar cana e colher amoras, roer pequi e encontrar sua castanha, juntar tanajuras e colocá-las para brigar, focar no piscar do tiché das éguas quando estas urinam, tratar dos arreios e o arriar, trotar cavalos e bicicletas, construir bilboquês e manivelas, criar e soltar pipas, deduar bilóias e olhos de boi na terra molhada, diferenciar cobras domésticas das peçonhentas, retirar o veneno e brincar com a serpente em bolsos e chapéus, gostar de lanternas, facas e canivetes, construir aratacas, armadilhas, ceveiros, visgos, bodoques, arapucas e estilingues.

Lembro-me do dia em que vi pela primeira vez um passarim canário ser pego numa armadilha. Cedo vi Vovô colher o bambu e o arame. Com o alicate, mediu, moldou e edificou o alçapão. Percebi ali o desejo, o afinco, a concepção, o planejamento, o foco, a construção, a espera e o desfecho. A materialização do sonhado. Vi Vovô preparar o laço, a armadilha e a canjica. Transformar o canário em vítima da própria fome.

Isso tudo aconteceu no decorrer de um dia. Assisti e ajudei com os olhos àquela operação. Menino de quatro a cinco anos, calado, atento-aprendiz. Quando vi e ouvi o plá do desarme do alçapão, não acreditei, explodi, gritei, gritei, corri, corri por todos os lados e ao redor do amarelim armadilhado. Estava em descontrole, excitado, desparafusado. Vovô me sacudiu e disse: Menino!!! Calei-me estatelado. Cai na real. Ali, Vovô ensinou-me que eu poderia interferir na vida, no mundo. Percebi, garoto, que não deveria ser apenas platéia, mas coadjuvante

e protagonista da vida.

Vovô tinha todo o tempo do mundo com a gente. Rodeávamo-nos em torno dele.

Educou-me em pessoas. Mostrou-me quem é vagabundo, ativo, ladino, preguiçoso e trabalhador.

- Este aí, Ave Maria, você pode desistir, olha o jeito de caminhar, parece que está escorando;

- Presta não, sinta a mão lisa. Este tem ojeriza de serviço pesado;

- Gente amarela amarronzada, com olho gatiado, é sempre suspeita quando some alguma coisa;

- Quem muito mostra os dentes quer morder;

- Todo criador de canário de briga é boa gente. Pode confiar;

- Cabo de enxada para aquele ali, só serve para dar de mamar;

- Olha no meu olho, seu merda, tá escondendo o que?;

- Não arroteia não, vá direto ao assunto!;

Além de instruir-me em conhecer gente, ensinou-me a viver, perceber e apreciar o longo do dia: o espreguiçar, o acordar, o vermelhar do horizonte, o desamarelar do sol, os cantos dos bichinhos, o pru-ru-ru-ru ti-ti-ti das galinhas, o colher dos ovos, o choco e o chocar, a tratar das gaiolas dos passarinhos, o apartar dos camaradas na distribuição dos serviços, o leite e a espuma no curral, o cheiro de estrume e das tortas, o pear e o despear do rabo e do bezerro na vaca, a cura das bicheiras, a mansidão em devolver em aboio o gado para o pasto, a prosa com os peões escorados nas enxadas, o percorrer a cavalo os cantos e as cercas, a conversa

séria dos porquês de tudo, e também dos “é porque é”, o lavar as mãos para a refeição quentinha e sustançosa, o melado com farinha e mandioca, o repouso depois do almoço, o despertar do cafezinho, a vistoria vespertina nos serviços, a colheita das frutas para dar e acarinhar as pessoas, o bater do feijão e o debulhar do milho, os ensinamentos e as brincadeiras com os cachorros; a

espera terna da vinda de Vovó do Dnocs, a prosa dos dois, sem compromissos e cobranças; o poente entardecer, o recolher e o empoleirar dos bichos, a temperança dos jogos de paciência na espera de Titavo e Dindinha chegarem para o buraco, a moleza e o cansaço tomando conta do corpo, o sono de mansinho amolecendo a gente, e o “tá na hora de ir pra cama.” Boa noite!

Bença Vô,

Bença Vó...



Vovô Pacifico, Vovó Ení, Tio Enio e Tia Marlene